

# Lugares e memórias na propaganda nacional-socialista do *Blumenauer Volkskalender* (1933-1938)

Imgart Grützmann\*

---

**Resumo:** Este artigo analisa alguns tipos de lugares, suas memórias e representações presentes na propaganda nacional-socialista do *Blumenauer Volkskalender*, almanaque em língua alemã editado em Blumenau/SC, no período de 1933 a 1938.

**Abstract:** This article analyses some kind of places, his memories and representations presents in the national-socialist propaganda of the *Blumenauer Volkskalender*, a German language almanac published in Blumenau/SC between 1933 and 1938.

**Palavras-chave:** Lugares e memória. Nacional-socialismo no Brasil. *Blumenauer Volkskalender*.

**Key words:** Places and memories. National-socialism in Brazil. *Blumenauer Volkskalender*.

---

## 1. *Blumenauer Volkskalender* e o nacional-socialismo

Na década de 1930, alguns almanaques em língua alemã editados no Brasil também foram, em diferentes graus, veículos de difusão do ideário nacional-socialista e da atuação do Partido Nazista na Alemanha e no Brasil. Em Santa Catarina, a propaganda nazista ocorreu no *Blumenauer Volkskalender*<sup>1</sup> [Almanaque Popular

---

\* Doutora em Letras pela PUCRS com estágio de doutoramento-sandwich (1993-1995) no Institut für Kulturanthropologie und europäische Ethnologie da Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main. Pós-doutorado em História/UNISINOS. Pesquisadora e professora-adjunta da Faculdade de Letras/UFPel.

<sup>1</sup> Doravante BV.

de Blumenau]<sup>2</sup>, publicado em Blumenau, para os anos de 1933 a 1938, cuja organização e impressão estiveram a cargo de Nietsche & Hömke, proprietários da Empresa Graphica, estabelecida na mesma cidade, na rua Piauí, nr. 17. Além do *BV*, a Empresa ainda editava, em língua portuguesa, o periódico *Mercado do Brasil*, um caderno mensal para o comércio e a indústria do Brasil, com uma tiragem de 5000 exemplares, distribuído gratuitamente a firmas, industriais e artesãos. No entanto, o negócio da Empresa não se limitou unicamente à edição destes periódicos. O grosso de suas entradas provinha da fabricação e comercialização de distintos produtos relacionados à impressão, como etiquetas, formulários, talões comerciais, livros de contas, cartazes, calendários de parede e cadernos. A Empresa ainda possuía uma repartição destinada à comercialização de material de escritório, instrumentos musicais e artigos para presentes. Seu mercado consumidor englobava várias cidades de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e Ceará. No *BV* a divulgação do nacional-socialismo esteve ligada ao litógrafo Franz Nietsche, um dos sócios da Empresa, natural de Böhmen, onde nasceu em 1889, cuja entrada na firma deu-se em 1920, quando dois dos irmãos Hömke se retiram do negócio. Nietsche era membro do Partido Nazista, ao qual se filiou em agosto de 1930. De 1932 a 1934, foi dirigente do Grupo Local do NSDAP em Blumenau, criado em 1929, exercendo também, até 1934, a função de dirigente estadual do Partido. (Moraes, 2002) A ligação de Nietsche & Hömke com o nacional-socialismo ainda ocorreu por meio da publicação, em comissão, do *Mitteilungs-Blatt der NSDAP – Ortsgruppe Blumenau, Landsgruppe Santa Catarina-Paraná*, periódico mensal organizado pelo Grupo Local do NSDAP de Blumenau, que circulou a partir de 1933. Além destas atividades, Nietsche ainda atuou na vida cultural e social de Blumenau. Em 1932, foi presidente da Sociedade de Canto *Eintracht*, fundada em 1927 (Kormann, 1995, p.185) e, em 1936, integrou o corpo cênico da Sociedade Teatral *Frohsinn*. (Poethig, 1950, p.349)

Na configuração do *BV*, a ligação com o nacional-socialismo evidenciava-se na denominação privilegiada para designar seu público

<sup>2</sup> Este trabalho apresenta resultados do projeto de pesquisa *Leituras de almanaque na América Latina: imprensa em língua alemã e práticas de leitura no Brasil, na Argentina e no Chile (1895-1941)*, financiado pelo CNPq e desenvolvido, na condição de bolsista de pós-doutorado (2004-2006), junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS, sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Jochims Reichel. Agradeço ao CNPq o apoio à pesquisa.

leitor: compatriota (*Volksgenosse*) (Nietsche & Hömke, 1933, p. 1), termo revitalizado pelo nazismo (Schmitz-Berning, 2000), e nas opções de leitura ofertadas aos leitores. Ao logo de 1933 a 1938, o *BV* publicou um significativo conjunto de formas simbólicas (Thompson, 1999, p. 79), entre elas excertos, citações, poemas, matérias, narrativas, contos e noticiário, em sua maioria de autoria de especialistas e escritores alemães, cujas respectivas linguagens apresentavam e difundiam categorias do nacional-socialismo. A incorporação destas formas simbólicas ao *BV* ocorreu por meio de um processo de apropriação e seleção efetuado pelos editores, que também eram leitores, disponibilizando, assim, um recorte do que consideravam de interesse divulgar para o público leitor do almanaque no Brasil. Nos anos iniciais de circulação do *BV*, parte desta prática de releitura e apropriação concretizou-se na veiculação de matérias especializadas e narrativas, entre outras formas, extraídas dos principais periódicos nacional-socialistas editados pelo NSDAP na Alemanha: *Völkischer Beobachter*, *Illustrierter Beobachter* e *Landpost. Nationalsozialistisches Zentralorgan der deutschen Bauern*. No entanto, a maioria das formas simbólicas apropriadas para e acionadas na propaganda nacional-socialista do *BV* não trazia a indicação de sua origem. Na estrutura e no conteúdo do *BV*, as diversas modalidades de propaganda nacional-socialista dividiam espaço com outras formas simbólicas voltadas para atender os propósitos almejados pelo almanaque. O *BV*, conforme consta nos seus editoriais, se intitulava um livro do povo, o qual trazia aos seus diferentes leitores – burgueses, industriais, comerciantes, operários, artesãos e colonos – matérias próprias de um almanaque popular que visavam à informação, à formação e ao entretenimento. (Nietsche & Hömke, 1936, p.1) Na composição do *BV*, estes objetivos se materializavam em artigos sobre Blumenau e seus arredores; matérias sobre aspectos históricos do Brasil; um panorama nacional e internacional dos acontecimentos do ano precedente; produções literárias, principalmente de autores pertencentes à literatura de expressão alemã no Brasil (Grützmann, 2008); artigos especializados referentes à agricultura e criação de animais; um conjunto de matérias de teor jurídico que forneciam orientações aos leitores; e anúncios publicitários de comerciantes, industriais, prestadores de serviço e profissionais liberais de diversas localidades de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, do Paraná, de São Paulo, do Rio de Janeiro, bem como alguns da Alemanha.

## 2. De lugares e memórias na propaganda nacional-socialista

Entre as diversas formas simbólicas mobilizadas pelos editores do *BV* na propaganda nacional-socialista encontram-se uma série que tematiza lugares específicos da Alemanha e/ou relacionados à história alemã. Estes lugares, seus afetos e suas memórias, em virtude de sua carga simbólica, foram apropriados pelo nacional-socialismo e incorporados ao seu ideário. No que concerne ao conceito de lugar, Armand Frémont define-o

como um elemento essencial da estruturação do espaço. Abrange um espaço reduzido, mas bem definido e não sem alguma extensão: a casa, o campo, a rua, a praça... Associa grupos da pequena dimensão mas de forte coerência: a mesma família, a mesma profissão, a mesma frequência quotidiana. Implica uma muito grande personalização das percepções espontâneas, com delimitações nítidas, fronteiras inequívocas. O lugar também é um meio. (Frémont, 1980, p.116).

Aleida Assmann, por sua vez, parte do pressuposto de “que os próprios lugares podem se tornar sujeitos, portadores da lembrança e porventura dispor de uma memória que ultrapassa em muito a dos seres humanos”<sup>3</sup> (Idem, p.298). A autora embasa seu estudo acerca da memória e do poder de ligação dos lugares na idéia de Cícero para quem grande é a força da lembrança inerente aos lugares. Assmann ainda salienta a importância dos lugares em si na construção de uma memória, pois,

mesmo quando uma memória imanente não é própria dos lugares, assim mesmo eles são de importância capital para a construção de espaços culturais de rememoração. Não apenas porque eles [os lugares] consolidam e legitimam a lembrança, na medida em que eles localmente ancoram-na no solo, mas também porque eles corporificam uma continuidade da duração, a qual excede a memória, relativamente de curta fase, dos indivíduos, das épocas e também das culturas, que se concretiza em artefatos. (Idem, p.299).

No que concerne às relações afetivas, Yi-Fu Tuan define o afeto que os seres humanos podem nutrir pelos lugares ou pelo ambiente físico como topofilia, ou seja, “a palavra ‘topofilia’ é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os

<sup>3</sup> A tradução desta fonte em alemão, bem como das demais utilizadas no corpo deste trabalho, foi efetuada pela autora deste artigo.

laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão.” (Tuan, 1980, p. 107) (Grifo do Autor).

Na análise das formas simbólicas veiculadas pelo *BV*, parte-se da hipótese de que a temática referente aos lugares foi acionada na sua propaganda nacional-socialista com a finalidade de despertar nos leitores a rememoração das origens e de mobilizar sentimentos positivos em relação à Alemanha e ao nacional-socialismo. Esboça-se, assim, a idéia de que pela difusão e pelo partilhar de uma memória dos lugares e da força simbólica de atração e de ligação que deles emanaria, ocorreria, por meio do afeto despertado, a vinculação dos imigrantes e seus descendentes residentes no Brasil, leitores do *BV*, a uma memória comum e a um todo coletivo. Esta seria uma das estratégias do *BV* voltadas para a concretização da comunidade étnica ou nacional (*Volksgemeinschaft*), uma categoria central do nazismo. (Hitler, 2001; Thamer, 2002; Schmitz-Berning, 2000)

### **3. A peregrinação aos “lugares santos” do nacional-socialismo**

Na propaganda veiculada no *BV* destaca-se a tematização de lugares de ação do nacional-socialismo. Lugares para os quais os seres humanos podem peregrinar em busca do contato com as idéias e as práticas do nazismo, onde também é possível ocorrer um renascimento “espiritual”, por meio da comunhão de um mesmo pensamento, e celebrar o *Führer* e suas realizações. Esta modalidade assemelha-se aos lugares santos e às paisagens míticas nas quais “a presença de deuses pode ser vivenciada” (Assmann, 2006, p.303), pois as divindades têm endereços fixos para os quais os homens peregrinam em busca de milagres, cura e renovação espiritual. Esta peregrinação aos lugares santos – a morada dos deuses – tornava-se necessária, nas religiões politeístas, porque os deuses, conforme salienta Assmann, queriam ser procurados em seus locais e lá venerados, e também porque “para além da terra e da sua topografia sagrada não havia a possibilidade de se comunicar como os deuses.” (Idem., Ibid.) Em formas simbólicas divulgadas no *BV*, o nacional-socialismo pode ser equiparado a uma divindade com suas moradas sagradas para os quais os “fiéis” peregrinam em veneração.

#### ***Peregrinação à cidadela das origens***

Esta matriz das peregrinações aos lugares santos encontra-se ressignificada em *Ein auslandsdeutscher Junge besucht sein Vaterland*

(Lorey, 1935), na qual, Viko Lorey, de treze anos, o jovem alemão do exterior aludido no título da narrativa, residente em Veneza, mas nascido na Alemanha, narra em primeira pessoa a viagem que realizou em companhia de amigos com o intuito de conhecer Stuttgart, procurar suas raízes e entrar em contato com o nacional-socialismo.

Da mesma forma que os peregrinos vão em busca dos lugares em que se manifestou a divindade, Viko peregrina para Stuttgart à procura do novo “deus” da Alemanha. As manifestações desta nova divindade vão pontuando o deslocamento espacial de Viko – de Veneza a Stuttgart-, à semelhança de estações de uma via sacra. Em Innsbruck, na Áustria, Viko visualiza da janela do trem um dos principais símbolos do nacional-socialismo: a suástica, cinzelada em tamanho gigantesco em uma rocha escarpada, remetendo as proporções da cruz gamada e da pedra a uma das categorias estéticas privilegiadas no nazismo: a monumentalidade. (Mosse, 1976) Em Munique, Viko e seus amigos divisam outro símbolo do nacional-socialismo – a bandeira com a suástica – e entram em contato com outra particularidade do nazismo – a técnica (Herf, 1995) –, que se concretiza no trem moderno, elétrico e veloz em que o grupo embarca para Stuttgart. Nela, as peregrinações se sucedem. Inicialmente Viko e seus amigos assistem à marcha da *Hitler-Jugend* e depois presenciam o desfile do *Bund Deutsche Mädels*, tomando parte, assim, da manifestação de duas das principais repartições do Partido Nazista para a doutrinação de jovens. No dia seguinte ao da chegada a Stuttgart, o grupo se desloca para um vilarejo nos arredores da cidade, onde na estação são esperados pelos estudantes do colégio local que entoam o hino alemão – “*Deutschland, Deutschland, über alles in der Welt*” proporcionando a Viko e seus amigos a audição de outro símbolo apropriado pelo nazismo. O encontro finaliza com outra categoria nacional-socialista: a saudação ritual *Heil Hitler*.

A viagem de Viko a Stuttgart também representa um renascimento espiritual para o jovem, já que reencontra as suas raízes étnicas por meio do retorno ao lar depois de muito tempo ausente, pois nascera na Alemanha, mas se mudara ainda em tenra idade com os pais para Veneza. Estende ao grupo este seu sentimento de bem-estar e de pertença por meio da repetição do coletivo “todos”: “eu me sinto aqui como se estivesse em casa. Não apenas eu, mas todos, todos.” (Lorey, 1935, p.227) A peregrinação de Viko a Stuttgart e o seu encontro com as origens nesta cidade têm as suas implicações para a propaganda nacional-socialista. Stuttgart era considerada “a cidade da germanidade no exterior (Auslandsdeutschtum)”, título que recebeu

em 1936 (Gesche, 2006, p. 242), onde os alemães do exterior podiam se sentir em casa, realimentar as raízes e celebrar a nova Alemanha de Adolf Hitler. Em Stuttgart, também ocorria anualmente a *Reichstagung der Auslandsdeutsche*, nos quais se enaltecia a figura dos alemães no exterior. Esta espécie de congresso anual, em virtude do significado que este grupo adquiriu no nacional-socialismo, era freqüentado por integrantes do NSDAP, entre eles Ernst Wilhelm Bohle, dirigente da *Auslandsorganisation der NSDAP*. Neste período, a denominação étnica alemães no exterior (*Auslandsdeutsche*) englobava todos os alemães e seus descendentes no mundo, independentemente de sua cidadania, e estava embasada no pertencimento étnico-biológico, ou seja, era alemão no exterior quem mantinha seu sangue puro e conservava as principais categorias da germanidade (*Deutschtum*), entre elas o idioma, à qual se atribuía a capacidade de identificar e diferenciar os alemães (Tammo, 2004; Münz; Ohlinger, 2001). Stuttgart ainda era a sede do *Das Deutsche Ausland-Institut*, fundado em 1917, que tinha como metas centrais estudar os alemães no exterior, especialmente as suas produções culturais, coletar e arquivar estas produções e zelar pela preservação da germanidade no exterior. Este Instituto também foi cooptado pelo nacional-socialismo como instrumento de propaganda e de concretização de sua política cultural e racial (Gesche, 2006).

Em virtude da importância dos alemães no exterior para a política e propaganda nacional-socialista e para a constituição da *Volksgemeinschaft*, Stuttgart é representada, na narrativa publicada no *BV*, como um lugar que possui uma força de ligação para aqueles que a visitam, pois é vista como o ponto de encontro de todos que têm uma mesma origem, apesar de morarem em outros países, assemelhando-se a uma grande casa paterna onde os filhos, dispersos em outras paragens, se encontram. Esta idéia de casa paterna, na narrativa em questão, está denotada na denominação da Alemanha: pátria (*Vaterland*), ou seja, em tradução literal: “terra do pai”. Na narrativa do *BV*, esta força benéfica do lugar ainda é passada aos leitores por meio de outras estratégias de positivização, dentre elas a idéia de que “a apreciação da paisagem é mais pessoal e duradoura quando está mesclada com lembranças de incidentes humanos” (Tuan, 1980, p. 110). A viagem de Viko a Stuttgart e sua estada na cidade constituem um deslocamento em um espaço vivido que traz consigo apenas experiências positivas e afetuosas. A convivência de Viko com as manifestações nacional-socialistas é designada de “maravilhosa” e “magnífica”. Também nas vivências pessoais de Viko junto aos seus acompanhantes em Stuttgart –

a família Reichert – há apenas a lembrança de situações boas e aconchegantes. Estas se concretizam no afeto da família Reichert por Viko, na abundância da alimentação, nos passeios agradáveis e no sono tranqüilo, vivências e experiências essas que vão criando no leitor sensações prazerosas.

Assim, a representação de Stuttgart como uma cidade acolhedora e representativa para os alemães no exterior, na qual Viko se sente em casa, visa criar laços de afeto com os leitores do *BV*, especialmente os jovens que se enquadram na mesma denominação étnica usada para a personagem, incitando-os a peregrinarem em busca de suas origens, do nacional-socialismo e da nova Alemanha. Colocar em movimento um jovem alemão no exterior, o qual reencontra suas raízes, visa atingir um público em potencial, que, pelo fato de morar em outro país e de estar em contato com outras culturas, poderia facilmente esquecer sua ascendência alemã, como é o caso dos imigrantes e seus descendentes residentes no Brasil e leitores do *BV*. Esta estratégia de convencimento do público leitor ainda está embasada na narrativa em primeira pessoa e em um narrador autodiegético (Genette, 1972, p. 253). Ao narrar suas próprias experiências, Viko se aproxima dos leitores e confere autenticidade ao narrado, na medida em que instaura um relato de conotações autobiográficas no qual há a coincidência entre narrador e protagonista. Deste modo, o conhecimento integral da história por parte do narrador e a experiência por ele adquirida conferem autoridade e credibilidade ao narrado, podendo, graças a estas especificidades, ser tomado pelos leitores como vivências verídicas, portanto, imbuídas de legitimidade e dignas de atenção.

#### 4. Os lugares de rememoração

Uma outra modalidade acionada na propaganda nacional-socialista do *BV* consiste nos lugares de rememoração que, na concepção de Aleida Assmann

são aqueles nos quais se realizou algo modelar ou nos quais se sofreu exemplarmente. Registros escritos com sangue, como perseguição, humilhação, derrota e morte, ocupam um lugar proeminente na memória mítica, nacional e histórica. Eles são inesquecíveis contanto que sejam traduzidos por um grupo em uma lembrança positiva e obrigatória. (...) A memória religiosa e nacional é rica em sangue e vítimas, mas estas lembranças não são traumáticas porque elas são normativamente guarnecidas e a elas se recorre para a instituição pessoal ou coletiva de sentidos. (Assmann, 2006, p. 328).



No BV, este tipo de lugar encontra-se representado em diversas formas simbólicas que tematizam heróis de guerra, batalhas da Primeira Guerra Mundial e personalidades que tomaram em lutas e deram a sua vida pela Alemanha, glorificando, assim, o conflito bélico, os valores militares e o sacrifício heróico em prol da pátria. Verifica-se, assim, a presença de uma retórica patriótica que se embasa na idéia de que “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar. (...) Para intensificar a lealdade se torna a história visível com monumentos na paisagem e as batalhas passadas são lembradas, na crença de que o sangue dos heróis santificou o solo.” (Tuan, 1980, p.114)

### ***A rememoração da glória em campo de batalha***

Um destes lugares mobilizados no BV é Langemarck, representado na matéria intitulada *Die von Langemarck* (N., 1933). Nela, se retoma o episódio de Langemarck: em 10 de novembro de 1914, em Ypres, na região de Flandres, regimentos alemães, formados principalmente de jovens voluntários, em parte estudantes universitários, lançaram-se, no vilarejo de Langemarck, à frente das fileiras do inimigo entoando o hino *Deutschland, Deutschland über alles* e, apesar de sua falta de experiência militar, alcançaram a vitória. As batalhas em torno de Ypres integravam a chamada Corrida para o Mar por meio da qual os alemães objetivavam “cortar a frente anglo-francesa e atingir o Canal da Mancha, cercando assim parte dos inimigos na região de Flandres.” (Vizentini, 2003, p. 34)

A matéria publicada no BV divide-se em duas partes – uma situada em 1914 e a outra em 1932 – e veicula uma visão heróica do episódio de Langemarck, procurando estabelecer uma linha de continuidade entre os combatentes da Primeira Guerra Mundial e os jovens da década de 1930.

A parte da matéria intitulada *1914* reitera e destaca o ataque entusiasta dos jovens combatentes, impregnados de furor patriótico, os quais, a despeito de seu despreparo militar, lograram tomar de assalto tropas inimigas, vencendo-as. O sacrifício heróico juvenil, o espírito de voluntariado e a abnegação em prol da Alemanha são evidenciados na matéria por meio da estratégia discursiva do paralelismo de contraste que estabelece analogias contrastantes entre cenários e personagens. Nesta parte da matéria, situada temporalmente em 1914, ocorre inicialmente um paralelismo de contraste entre o cenário natural e o local das batalhas. A narrativa inicia com a descrição de um cenário natural amplo, sem definição exata da localidade, na qual predominam

as percepções visuais, auditivas e olfativas que sugerem claridade, maciez, aconchego e leite. Trata-se de uma noite cálida de outono, marcada por uma atmosfera afável, em que no céu azul-escuro

pairam plumosas nuvenzinhas brancas e o tépido vento oeste murmura misteriosamente entre as folhas argentinas e brilhantes dos choupos e entre as sebes em torno dos regos nos quais se espelha a clara face da lua. O feno recendia, intensa e totalmente estonteante, à doçura, e o canto dos rouxinóis ressoava fervoroso e solícito na profunda quietude. (N., 1933, p. 217).

A esta paisagem, estetizada por meio da harmonia e do idílio, a matéria contrapõe um cenário mais específico e distanciado, localizado a noroeste do cenário natural: o campo de batalha, descrito a partir de percepções visuais e auditivas, que englobam fogo e estrondos surdos, que, por sua vez, remetem para uma única imagem, centrada na destruição e em seus correlatos – a ruína, o arrasamento e a aniquilação. O campo de batalha é caracterizado como um local no qual “retumbantes golpes revolvem as vastas e verdejantes pradarias, destroçam as pacíficas aldeias e quintas e trucidam dia e noite e noite e dia as linhas alemãs fracamente guarnecidas, mas forte e constantemente cercadas por ingleses e belgas.” (Idem., *Ibid.*) O recurso ao idílio visa, pelo contraste, colocar em evidência e expandir as mazelas da guerra e a presença da morte. Este processo se reduplica no paralelismo de contraste entre as personagens, suas ações e as circunstâncias que as rodeiam. Para os combatentes em Flandres, inseridos em um cenário de horror, a necessidade acentua-se a cada dia e os pedidos de socorro tornam-se mais urgentes, visto que as trincheiras estão vazias, situação que pretende ser revertida com o envio dos regimentos de jovens. No entanto, estes jovens caracterizam-se pela pouca formação militar, pela falta de experiência em combate, pela debilidade física e pela ausência de bandeira, contrastando com a experiência dos soldados mais velhos e com as circunstâncias em que se encontram os regimentos em Flandres. No entanto, a desconfiança destes soldados em relação aos jovens e a falta de preparo destes combatentes juvenis constituem uma forma de exaltar, pelo contraste, a valentia, o destemor e o patriotismo da juventude que, apesar das extremas adversidades, alcança a vitória, deixando atônitos os cétricos e superando as expectativas dos mais experientes.

A matéria, ao parafrasear o episódio, transmitido por um comunicado oficial de guerra em 11 de novembro de 1914, exaltando o heroísmo dos jovens combatentes, reafirma entre os leitores do *BV* a imagem de Langemarck consolidada na memória coletiva alemã acerca da Primeira

Guerra Mundial. Além deste significado de sacrifício heróico juvenil em prol da pátria, Langemarck, já um elemento significativo da memória da guerra no decorrer do próprio conflito bélico, converte-se em um símbolo de esperança e um antípoda do caráter rotineiro que a Guerra adquiria. Gerd Krumeich (2001), em seu estudo acerca de Langemarck como lugar de memória, destaca que o vigor deste episódio e seu papel significativo na memória coletiva e na discussão crítica acerca da Primeira Guerra Mundial decorreram do fato de que

simbolizava tanto despedida como esperança: despedida da guerra heróica de entusiasmo individual e coletivo; morrer por um fim claramente definido e arrebatador: a defesa da pátria; élan comunicativo de um grupo que consigo arrasta os demais; esperança na atuação continuada ou redespertar deste espírito de sacrifício. (Idem, p. 295).

Esta despedida, conforme salienta Krumeich (Idem, p. 293), refere-se a um modelo de guerra que era tributário, em aspectos emocionais, logísticos, estratégicos e institucionais do conflito bélico de 1870, modelo este liquidado por meio dos acontecimentos de novembro de 1914. Na ótica de Krumeich (Idem, p. 294-95), Langemarck significa a passagem para um novo modelo de guerra no qual impera a maquinaria pesada, os campos de batalha vazios e a observação do inimigo por meio de periscópios de trincheira, na medida em que cada olhar desprotegido pode ser fatal. A esperança inerente ao episódio de Langemarck, Krumeich (Idem, p. 300) atribui ao fato de que o sacrifício dos jovens resultara em uma vitória, na tomada de uma trincheira, que, apesar de banal, permaneceu até 1918 a única experiência positiva de guerra dos soldados alemães. A tomada de uma trincheira trazia consigo, em meio a uma guerra atolada no campo de batalha, a esperança de que, por meio de um assalto similar às tropas inimigas, como fora o de Langemarck, era possível finalizar e vencer a guerra.

Na segunda parte da matéria publicada no *BV*, que enfoca o ano de 1932, se acentua a importância do culto à guerra e aos mortos, bem como a necessidade de se dar continuidade a um passado glorificado na memória coletiva. A sua publicação no *BV* deveu-se provavelmente à inauguração da remodelação do cemitério dos soldados em Langemarck, ocorrida em 1932, resultante de uma iniciativa, em curso desde 1928, dos estudantes alemães (Idem, p. 309). A parte da matéria referente a 1932, marcada por uma função didático-pedagógica explícita, menciona o cemitério de heróis de guerra em Langemarck, no qual jovens combatentes alemães estão sepultados ao lado de soldados procedentes

de outras localidades da região de Ypres. No entanto, estes combatentes não estão “mortos”, mas “aguardam o dia em que ressuscitará a Alemanha pela qual lutaram e sofreram e, por cuja honra e liberdade, sangraram e morreram.” (N., 1933, p. 218). Nesta imagem de cunho religioso, pois remete à ressurreição e ao dia do juízo final, está aludida a tarefa que o nacional-socialismo se atribuía: despertar a Alemanha, libertá-la do jugo de Versalhes, livrá-la da ameaça dos comunistas e judeus e devolver-lhe o esplendor do passado (Hitler, 2001; Thamer, 2002; Frei, 2002). Esta imagem dos combatentes em espera visa servir de exemplo aos estudantes alemães, e por tabela aos leitores do *BV*, considerados “os herdeiros de sangue dos mortos de Langemarck” (Idem, p. 218), instituindo, deste modo, uma obrigação moral de dar continuidade à ação heróica dos soldados de 1914 e de contribuir para a recuperação da Alemanha. Esta obrigação moral é impingida aos leitores por meio da afirmação de uma ação futura e da acentuação do caráter admoestador do culto à guerra e aos mortos que aqui se transforma em uma espécie de culto aos antepassados, visto que combatentes e estudantes são vistos como unidos pelo laço de sangue. Na ótica da matéria veiculada no *BV*, os estudantes alemães, ao lerem as singelas lápides dos mortos de Langemarck, pensarão em seus antecessores e a canção “‘Eu tinha um camarada...’ ressoará suavemente sobre sebes, túmulos e extensas pradarias, mas acima disto solenemente admoestadores, sinalizando em direção do porvir, e triunfantes rumorejarão os sons da canção dos de Langemarck: ‘*Deutschland, Deutschland über alles!*’” (Idem, *ibid.*).

O episódio de Langemarck foi incorporado ao nacional-socialismo como um símbolo do sacrifício heróico da juventude, do espírito de voluntariado e de abnegação em prol da Alemanha, residindo sua força na combinação de juventude, sacrifício e nação. Mas, como salienta Krumeich (2001, p. 309), não houve introdução de categorias nazistas no episódio, permanecendo Langemarck uma palavra que se fundia com o hino *Deutschland, Deutschland über alles*, portanto, uma espécie de ponte, capaz de possibilitar o entendimento de todos os patriotas. A manutenção desta função de ponte, inerente à memória de Langemarck, pelo nacional-socialismo, Krumeich (Idem, p. 297) interpreta como uma estratégia de cooptação dos jovens para as fileiras nazistas, visto que o episódio já estava consolidado na memória coletiva como um símbolo de juventude, de espírito voluntário e de nivelamento das diferenças sociais. Estes regimentos de jovens reuniam integrantes da burguesia e do meio acadêmico que lutavam ao lado de recrutas procedentes de outras classes sociais em prol da pátria ameaçada, composição que também servia para

fomentar a *Volksgemeinschaft*. A fim de consolidar esta relação entre juventude, sacrifício e nação e angariar a simpatia dos estudantes, que revitalizaram o episódio na década de 1920, o que redundou, nos anos de 1923-1924, em comemorações alusivas ao episódio, e, em 1928, na decretação do 19 de novembro como dia dos estudantes alemães, Langemarck foi instituído, em 1933, como correlato alemão do culto francês e/ou inglês ao soldado desconhecido, por meio das diretrizes de Hamburgo da política educacional nacional-socialista. A utilização do episódio de Langemarck como elemento de constituição de identidade para os jovens no Terceiro Reich ainda se consolidou na criação do *Langemarckstudium* que, conforme estudo de Cornelia Schmitz-Berning (2000, p. 373), consistia em uma segunda opção de formação para os jovens sem o exame final do liceu (*Abitur*), fomentada pelo Estado, composta de preparação para os estudos em campos comunitários e dos seus subseqüentes desdobramentos especializados.

A apropriação de Langemarck pelo nacional-socialismo também esteve ligada ao significado que tinha para Adolf Hitler, visto que lutara em Flandres, registrando o episódio em *Minha Luta*: “de longe, porém, chegava aos nossos ouvidos os sons de uma canção, que, cada vez mais se aproximava, passando, de companhia a companhia, e, enquanto, a morte dizimava as nossas fileiras, a canção chegava a nós e nós a passávamos adiante.” (Hitler, 2001, p. 124). Esta relação de Hitler com Langemarck ainda esteve presente na realização das olimpíadas de 1936, em Berlim, cuja preparação foi pessoalmente influenciada pelo *Führer*, especialmente no que tange à construção do estádio, conforme salienta Ueberhorst (1989). Por determinação de Hitler, o estádio tinha uma *Langemarck-Halle*, a qual continha o nome das grandes batalhas da Primeira Guerra Mundial, as bandeiras dos regimentos, as coroas de louros e trechos de poemas de Hölderlin que exaltavam a morte gloriosa pela pátria. Neste átrio, Hitler, antes de abrir os jogos olímpicos, realizou uma celebração aos mortos.

Langemarck representava, assim, uma ligação patriótica que consolidava uma “nação em armas” por meio de uma comunidade solidária formada de todas as classes, uma espécie de *Volksgemeinschaft*. Esta também é a leitura que a matéria no *BV* privilegia, já que, por meio da paráfrase, institui uma linha de continuidade com a memória da guerra referente a Langemarck e com a apropriação do episódio efetuada pelo nacional-socialismo. Graças a estas representações que a matéria sobre Langemarck difunde, o *BV* reafirma a leitura deste episódio da Primeira Guerra Mundial como elo de ligação entre passado e presente, entre

juventude e heroísmo, efetuada pelo nacional-socialismo, e difunde a idéia de que no patriotismo, na abnegação pela Alemanha, ambos podem se encontrar: os estudantes e o nacional-socialismo e, por extensão, os leitores do *BV*.

A publicação do episódio de Langemarck no *BV* também se constituía em uma modalidade de difusão de duas categorias do nacional-socialismo: a morte e a guerra. (Hitler, 2001) A morte era entendida no nacional-socialismo como um sacrifício glorioso em prol da nova humanidade e da Alemanha, cujos destinos não poderiam se realizar senão pelo sangue derramado, sendo a morte do militante enaltecida como sacrifício e martírio, como os jovens combatentes de Langemarck. O culto à morte e à guerra foi incorporado ao nacional-socialismo a partir da mitologia germânica, não sendo, portanto, uma criação deste ideário, mas uma apropriação de um imaginário já existente acerca das “origens” dos alemães. Em sua análise do nacional-socialismo, D’Alessio e Capelato (2004, p.57) salientam que a mitologia germânica estabelecia uma relação entre a morte, o sagrado e o poder, na medida em que se acreditava na influência direta dos mortos sobre os vivos. Este mito foi recuperado por Adolf Hitler e transformado em culto por meio do resgate da imagem dos combatentes mortos na Primeira Guerra Mundial e de sua presença em rituais públicos, entre eles o de Langemarck. As autoras salientam que o culto à guerra, originário da mesma matriz, possuía um caráter purgativo e regenerador, ocorrendo a morte honrosa “nos campos de batalha, onde os guerreiros mortos eram recolhidos pelas Valquírias e levados à presença de Odin.” (Idem., Ibid.) O culto à morte e à guerra não integrava apenas os textos programáticos do nacional-socialismo, mas também era constante em um conjunto de práticas, entre elas as comemorações do calendário nazista de festividades no qual a comemoração do *reminscere* era alusivo aos que pereceram na Primeira Guerra Mundial e o 9 de novembro era dedicado aos que tomaram pelo movimento nazista em Munique. Nos congressos anuais do NSDAP, realizados em Nürnberg, a “rememoração dos mortos ocupava lugar central nas cerimônias.” (Lenharo, 2003, p.44)

Por meio da análise destes exemplos de formas simbólicas acionadas na propaganda nacional-socialista do *BV*, selecionados de um conjunto maior e de temáticas similares, evidencia-se a importância dos lugares e de suas memórias, bem como dos afetos, para a ativação e construção de um passado comum, para o reforço dos laços de pertencimento à Alemanha e para a veiculação das categorias do nacional-socialismo, a partir da força mobilizadora inerente principalmente a cidades e

locais de batalha. A veiculação destas formas simbólicas centradas em lugares e memórias, que visam estabelecer vínculos afetivos, constitui uma forma de instrumentalização de espaços e lembranças em prol do nacional-socialismo. Assim, por meio da leitura, o *BV* almeja ativar recordações do passado, funcionando suas páginas e matérias como uma espécie de quadros sociais da memória (Halbwachs, 1976), condição que torna o próprio almanaque um lugar de rememoração e de ligação com a terra de origem e com o nacional-socialismo. Neste sentido, o ato de ler estas formas simbólicas possibilita aos leitores do *BV* realizar as peregrinações aos lugares de memória, de afeto e de ação do nacional-socialismo, deslocamento esse que certamente muitos deles não fariam de outro modo. Diante disso, leitura, formas simbólicas, lugares e memórias, somados aos afetos que a rememoração das origens e dos passados possam trazer consigo, objetivam cativar e manter os leitores unidos à matriz, bem como construir e afirmar uma *Volksgemeinschaft* baseada nas relações afetivas e no passado heróico.

## Referências

- ASSMANN, Aleida. *Erinnerungsräume*. Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnis. München: C. H. Beck, 2006.
- D'ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. *Nazismo: política, cultura e holocausto*. São Paulo: Atual, 2004.
- FRÉMONT, Armand. *A região, espaço vivido*. Coimbra: Almedina, 1980.
- GESCHE, Katja. *Kultur als Instrument der Aussenpolitik totalitärer Staaten*. Das Deutsche Ausland-Institut 1933-1945. Köln: Böhlau, 2006.
- FREI, Norbert. *Der Führerstaat*. Nationalsozialistische Herrschaft 1933 bis 1945. München: DTV, 2002.
- GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.
- GRÜTZMANN, Imgart. Literatura de expressão alemã no Brasil em almanques (1874-1941): uma introdução ao tema. In: SIDEKUM, Antonio; GRÜTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel C. (Org.). *Campos múltiplos: identidade, cultura e história*. Festschrift em homenagem ao prof. Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Oikos; Nova Harmonia, 2008. p. 285-314.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Mouton, 1976.
- HERF, Jeffrey. Der nationalsozialistische Technikdiskurs. Die deutschen Eigenheiten des reaktionären Modernismus. In: EMMERICH, Wolfgang; WEGE, Carl (Hrsg.). *Der Technikdiskurs in der Hitler-Stalin-Ära*. Stuttgart; Weimar: Metzler, 1995. p. 72-93.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Centauro, 2001.

- KRUMEICH, Gerd. Langemarck. In: FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen (Hrsg.). *Deutsche Erinnerungsorte III*. München: C. H. Beck, 2001. p. 292-309.
- KORMANN, Edith. *Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985)*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1995. v. II.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo: “o triunfo da vontade”*. São Paulo: Ática, 2003.
- LOREY, Viko. Ein auslandsdeutscher Junge besuch sein Vaterland. *Blumenauer Volkskalender*, Blumenau: Nietsche & Hömke, 1935. p. 225-227.
- MORAES, Luis Edmundo de. *Konflikt und Annerkennung: Die Ortsgruppe der NSDAP in Blumenau und in Rio de Janeiro*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Technische Universität zu Berlin.
- MOSSE, George L. *Die Nationalisierung der Massen*. Frankfurt am Main; Berlin: Ullstein, 1976.
- MÜNZ, Rainer; OHLINGER, Rainer. Auslandsdeutsche. In: FRANÇOIS, Etienne; SCHULZE, Hagen (Hrsg.). *Deutsche Erinnerungsorte I*. München: C. H. Beck, 2001. p. 370-388.
- N., U. L. Die von Langemarck. *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau: Nietsche & Hömke, 1933. p. 217-218.
- NIETSCHKE; HÖMKE. (Ed.). An unsere Leser! *Blumenauer Volkskalender*. Blumenau, 1933. p. 1.
- NIETSCHKE; HÖMKE. An unsere Leser! Neujahrgruss 1936. *Blumenauer Volkskalender*, Blumenau: Nietsche & Hömke, p.1, 1936.
- POETHIG, Nanny. A Sociedade Teatral ‘Frohsinn’. In: CENTENÁRIO DE BLUMENAU. Blumenau: Edição da Comissão de Festejos, 1950. p. 346-350.
- SCHMITZ-BERNING, Cornelia. *Vokabular des Nationalsozialismus*. Berlin; New York: de Gruyter, 2000.
- TAMMO, Luther. *Volkstumspolitik des Deutschen Reiches 1933-1938*. Die Auslandsdeutschen im Spannungsfeld zwischen Traditionalisten und Nationalsozialisten. Wiesbaden: Franz Steiner Verlag, 2004.
- THAMER, Ulrich. *Der Nationalsozialismus*. Stuttgart: Reclam, 2002.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- UEBERHORST, Horst. Feste, Fahnen, Feiern. Die Bedeutung politischer Symbole und Rituale im Nationalsozialismus. In: VOIGT, Rüdiger (Hrg.). *Symbole der Politik, Politik der Symbole*. Opladen: Leske + Budrich, 1989. p. 157-178.
- VIZENTINI, Paulo Fagundes. *As Guerras Mundiais (1914-1945)*. Porto Alegre: Leitura XXI, 2003.